

SEGURANÇA ALIMENTAR

- Com inteligência, poderá tornar-se um dos mais importantes ministérios do governo brasileiro -

Pedro Eduardo de Felício*

Se você tem ficado na dúvida a respeito do real significado da expressão “segurança alimentar”, não se chateie mais, você não está só. A maioria dos brasileiros deve estar como você em relação ao nome da pasta recém-criada, o Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome, que se abrevia como MESA, e que, na prática, assume o nome do seu mais expressivo projeto, que é o Fome Zero, cujo objetivo o Presidente da República tem dito que é fazer com que cada brasileiro possa se alimentar bem, três vezes ao dia. O que já não é pouco, mas obviamente não pode ser só isto a justificar a existência de um ministério.

A expressão “segurança alimentar” vem de “food security”, da língua inglesa. Passou a ser empregada com frequência após a I Guerra Mundial, nas discussões sobre o auto-suprimento de alimentos para a população, ou seja, como um tema de soberania nacional. Gradualmente, o conceito de segurança alimentar foi sendo introduzido nas organizações internacionais, visando transformar o acesso ao alimento num direito básico inerente a todo ser humano. Hoje, as novas idéias sobre segurança alimentar têm na FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, sua principal representante junto aos governos das nações do mundo todo. A mesma FAO que, aparentemente, andava um tanto apagada no cenário internacional, e que se sente, agora, revigorada com as declarações do presidente Lula contra a fome e a miséria.

Mas por que o governo teria incluído “combate à fome”, no nome do ministério, se universalmente os entendidos na matéria associam “segurança alimentar” com tudo que se refere ao objetivo adotado pela FAO (2003), de *“assegurar que todas as pessoas tenham acesso físico e econômico a uma alimentação suficiente, segura e nutritiva para atender suas necessidades nutricionais, e suas preferências, para uma vida ativa e saudável”*?

Tem-se, então, que o governo emprega duas expressões e um slogan para dizer quase a mesma coisa: segurança alimentar, combate à fome e fome zero. O que não chega a ser um problema, porque a repetição pode estar apenas demonstrando a crença que os idealizadores depositam no projeto de sua lavra, talvez por se tratar de uma atividade altamente estimulante para a solidariedade humana, que interessa explorar politicamente, diante de uma aguda falta de opções para mudanças econômicas e sociais de fundo. Mas, idealismos à parte, o fato é que estão sobrando palavras no nome do ministério.

Considerando-se, agora, que o conceito de segurança alimentar requer que o alimento seja “seguro”, ou melhor dizendo, “inócuo”, que não causa prejuízos à saúde, porque não contém elementos físicos, químicos ou biológicos nocivos. Ressalte-se que esse termo é melhor, porque permite tratar de “inocuidade” em separado, deixando “segurança” para o sentido bem mais amplo, definido anteriormente. Desse modo, a nova pasta poderia desde já ser denominada apenas de Segurança Alimentar, com o significado original, que é o de dar combate à falta de comida e desequilíbrios nutricionais que atingem de maneira contundente uma parte do nosso povo.

Mais adiante, com a desnutrição sob controle, o ministério passaria a priorizar a inocuidade, e se tornaria o órgão máximo de regulação e fiscalização unificada da qualidade higiênico-sanitária, hoje distribuída nas pastas de Agricultura e da Saúde. Também para melhor atender o objetivo, é necessário cuidar das políticas de importação e exportação, as quais podem afetar as cadeias produtivas, porque num caso chegam a desestimular a produção local, e noutro causam escassez de matérias primas e aumento de custos dos produtos.

Por ora, o que o setor produtivo pode fazer é pouco, além de recomendar ao governo que tenha cuidado com a ênfase na captação de doações, porque não se deve passar aos países importadores a imagem de um Brasil que exporta enormes quantidades de alimentos, enquanto internamente arrecadam-se cheques em desfiles de moda e comida com prazo de validade vencido ou sobras de restaurantes, para seu povo faminto. Essa questão de imagem é muito sensível, qualquer desatino pode pôr a perder anos de investimentos na marca do país no exterior.

-
- Professor da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp, CP 6121, 13.083-970 Campinas.
 - Revista ABCZ, Uberaba, ano 3, n.13 (mar./abr.), p.68-69, 2003.